



O CUIDADO COM CADA LETRA

Indo além dos desafios comuns à comunidade, o médico ginecologista Edson Santos Ferreira Filho ressalta que mais um dos problemas quando se fala do acesso à saúde é o tratamento de todas as pessoas LGBTQIAPN+ como uma entidade única, esquecendo-se da individualização.

“Costumamos falar da comunidade como um todo, já que muitas das dificuldades são comuns a cada uma das identidades e sexualidade inseridas na sigla. No entanto, quando falamos de saúde, é necessário esmiuçar um pouco mais”, afirma.

No caso das mulheres cis lésbicas, muitas deixam de falar sobre sua orientação sexual na consulta ginecológica por receio de julgamento ou de não ter mais oportunidade para atendimento, o que Edson encara como um dos principais desafios para elas, uma vez que, para que essas consultas alcancem seus objetivos, é importante que o médico compreenda a vida sexual da paciente.

Homens cis gays enfrentam dificuldade semelhante em consultas com profissionais urologistas ou outras especialidades, por vezes também omitindo a orientação sexual, trazendo-a à tona apenas em casos em que isso seja estritamente necessário, e, ainda assim, com grande receio.

“Especificamente para pessoas trans, a falta de respeito ao nome social é

algo grave e que também precisa ser pontuado”, comenta Edson. Ele conta também que, muitas vezes, essas pessoas buscam resolução de questões de saúde em ambientes inseguros, expondo-se a maiores riscos.

No que diz respeito às pessoas assexuais, Edson acrescenta que é comum que a falta de compreensão e a presunção de que são pessoas sem atividade sexual, o que não necessariamente é verdade, e alguns riscos — como o de infecções sexualmente transmissíveis e gravidez — acabem subestimados.

“Por fim, as pessoas bissexuais comumente têm sua orientação invalidada, como se estivessem confusos ou indecisos, e isso ainda é repetido por profissionais de saúde, de maneira equivocada. Se o profissional não é capaz sequer de entender qual é sua identidade de gênero e sua orientação sexual, como poderá prover os cuidados necessários daquela pessoa?”, questiona.

E, independentemente da identidade de gênero e da orientação sexual, Edson afirma que é necessário individualizar os rastreamentos e as estratégias de prevenção, levando em consideração o tipo de prática sexual. “Pessoas que praticam sexo oral-anal precisam tomar vacina contra Hepatite A, pessoas com vulva precisam discutir adaptações do preservativo e de cuidados anticoncepcionais, por exemplo”.

NATURALIZAÇÃO DA PRÁTICA SEXUAL

O infectologista do Centro Clínico Integrado Ceci Machado Leandro Machado atua em uma área na qual a franqueza total do paciente sobre as práticas sexuais é fundamental para um atendimento adequado. O médico explica que cada pessoa tem um comportamento sexual único e que, para ajudar esse paciente de forma integral, é necessário que os profissionais de saúde entendam todo o comportamento dele. “Assim, além do médico compreender a identidade de gênero e orientação sexual, ele precisa deixar o paciente à vontade, sem se sentir julgado, para falar sobre as práticas sexuais.”

Além do diálogo sobre o uso de

preservativos para garantir mais segurança, de manter os exames sempre em dia, assim como as vacinas para hepatite A, HPV e outras infecções, Leandro reforça a importância de abordar o uso da PrEP sem julgamento.

A Profilaxia Pré-Exposição é uma das formas de prevenção ao HIV e consiste na tomada de comprimidos antes da relação sexual, que deixam o organismo preparado para o possível contato com o vírus. “Precisamos entender que independentemente de julgamento ou moralidade, existem pacientes que vão praticar sexo sem preservativos, e nosso papel como médicos é garantir que ele esteja o mais seguro possível”, completa.